



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Entrelinhas das imagens-Órfãs¹

Gisnayra Lopes de Sousa
Universidade Federal do Ceará

RESUMO:

Muito se fala da imagem como objeto de estudo histórico e artístico, mas elas também estão relacionadas a nossa subjetividade e a maneira com qual registramos nossas vivências, assim permitindo que elas tenham uma relação intrínseca com as trajetórias de vida obtendo sobre nós um poder de nos atravessar emocionalmente. Logo, irradia seu efeito sobre o lado emocional ao ponto de nos fazer rasgá-las, portanto, é almejado examinar e ponderar sobre o processo descarte das imagens e as teias as quais esse processo se interligam.

Palavras-Chaves: Imagem; Memória; Subjetividade; Fotografia-órfã; Trajetória.

INTRODUÇÃO:

Quando experiências marcantes chegam ao fim, as imagens que permanecem como registros dessas vivências tornam-se gatilhos de reflexão e emoção. Esses vestígios visuais nos confrontam com o passado e despertam sentimentos variados, oscilando entre dor e saudade. A partir disso, a hipótese de Georges Didi-Huberman, em *Quando as imagens tocam o real* (2012), sugere que as imagens “ardem” ao entrarem em contato com a realidade, uma ardência que pode tanto aprofundar as feridas quanto anteceder a cura. Essa

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia documental, memória e fotojornalismo”



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



perspectiva permite pensar nas múltiplas camadas de sentido das imagens e nas formas como elas se entrelaçam com nossas vivências emocionais.

Fabiana Bruno (2019) amplia essa discussão ao introduzir o conceito de “fotografias órfãs”, um termo adotado pela mesma para designar imagens sem vínculos com sua origem. Relacionando o descarte de imagens com a tentativa de afastamento emocional, o ato de se desfazer de registros pode vir a ser uma forma de elaborar perdas, nesse sentido, a conexão entre imagem e subjetividade torna-se inevitável, já que vivemos imersos em um fluxo constante de imagens, inclusive aquelas que compõem nossas próprias memórias, sobretudo por estarmos refletidos de alguma maneira nas imagens que nos rodeiam, “sendo elas partes do que somos, atuando como lembranças desbotadas de uma beleza que, em outros tempos, foi nossa” (Manguel, 2001,p.20-21). Surge então, a provocação: “fora dos olhos, fora da mente”, seria o esquecimento possível com a ausência do registro visual?

Assim, se constrói objetivo é compreender a relação entre as imagens e as vivências emocionais, analisando como o contato com certas representações visuais impacta e transforma o campo subjetivo, buscando refletir sobre o efeito que as fotografias exercem a ponto de motivar seu descarte, investigando o valor que lhes atribuímos e de que forma esse ato revela as emoções e mudanças internas provocadas por elas.

A materialização da memória a partir da imagem a torna mais real:

Embora muito se discuta o impacto social de fotografias marcantes, como as de guerra, é preciso reconhecer que nossas imagens íntimas também possuem poder devastador, pois revelam nossas catástrofes interiores. Como aponta Sontag (2003), lembrar em excesso pode ser tão destrutivo quanto esquecer, e



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



talvez a reconciliação com o passado dependa de encontrar o limite entre recordar e deixar ir, para que o peso das imagens não inviabilize a leveza de seguir vivendo.

Tomando como inspiração a frase de Nietzsche “Se tu olhas muito tempo para um abismo, também o abismo olha para dentro de ti” aqui é proposto uma reflexão sobre a relação entre o olhar e as imagens que nos ferem emocionalmente. As imagens nocivas, quando revisitadas constantemente, tornam-se abismos que devolvem o sofrimento ao observador. Assim, o ato de “rasgar as imagens”, literal ou metaforicamente, simboliza uma tentativa de autoproteção: romper com representações visuais que perpetuam a dor é uma forma de evitar ser consumido por elas. Esse gesto, portanto, seria um exercício de defesa emocional, um esforço de afastamento dos próprios abismos interiores?

Ressaltando a complexidade desse rompimento, em certas situações o desejo de esquecimento convive com sua impossibilidade. As imagens ficam impressas na memória e no corpo, tornando-se parte da existência, como sugere Samain (2012), as imagens, embora sem consciência, possuem vida própria, pois nos atravessam e despertam emoções humanas profundas. Rasgá-las pode ser, em certos momentos, necessário para lidar, mas os significados e afetos mudam com o tempo. Assim, o que hoje é descartado como dor pode, no futuro, ser lembrado como memória, revelando que as imagens e os sentimentos que elas evocam são fluidos, instáveis e inseparáveis da experiência de existir.

Ao revisitarmos vivências dolorosas ou ciclos encerrados contra nossa vontade, essas imagens funcionam como “facas afiadas”, reabrindo feridas emocionais e motivando o desejo de esquecimento. Conforme aponta Samain,



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



as imagens são portadoras de emoções e memórias, profundamente humanizadas, mas também ambíguas, nelas residem tanto o que queremos preservar quanto o que desejamos abandonar. Além disso, destaca-se o poder distorcivo da imagem, que revela o caráter seletivo da memória e mostra como uma imagem, retirada de seu contexto original, pode alterar o sentido das experiências que evoca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Apesar das ambiguidades sobre seus efeitos, a fotografia mantém força como presença física que materializa a memória e dá forma ao passado. Essa materialidade, porém, também pode gerar o desejo de apagamento quando as imagens remetem a vivências dolorosas, levando ao ato simbólico de descartá-las. Assim, aponta-se para o conflito entre preservar e renunciar: enquanto as imagens carregam valor histórico e afetivo, seu excesso pode ferir, tornando o esquecimento uma forma de cura. O dilema reflete a oscilação humana entre lembrar e libertar-se, acompanhando as mudanças da sensibilidade e da subjetividade.

Conclui-se que as imagens mantêm uma relação profunda com nossas subjetividades, ultrapassando o campo visual e alcançando o emocional e o reflexivo. A pesquisa confirma a hipótese de que o descarte de imagens está ligado à quebra de vínculos afetivos, revelando que ao romper com uma imagem, rompe-se também com parte da carga emocional que ela carrega. Assim, o estudo permite compreender de modo sensível o “ardor” das imagens quando tocam nosso íntimo e despertam memórias, mostrando que, mesmo quando desejamos descartá-las, algumas permanecem vivas, ainda que



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



dolorosas, como testemunhas das narrativas que nos constituem como nos fala Didi-Hubermann:

A imagem arde. Arde com o real do que, em um dado momento, se acercou. Arde pelo desejo que anima, pela intencionalidade que a estrutura, pela enunciação, inclusive a urgência que manifesta. Arde pela destruição, pelo incêndio que quase pulveriza, do qual escapou cujo arquivo e possível imaginação é, por conseguinte, capaz de oferecer hoje (...). Finalmente a imagem arde pela memória, quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo (Didi-Huberman.2012. p.216)

Desse modo, se ressalta a forma como construímos nossas relações com as imagens diante das transformações da visualidade. Migramos do acervo físico para o digital, o acesso a reprodução dessas imagens se tornaram mais acessíveis, no entanto, ainda somos atravessados pelo poder de atravessar a temporalidade as quais as imagens possuem. Pensando nisso, compreender a colocação feita por Didi-Huberman apresentada acima é compreender que a imagem arde antes mesmo de esbarrar nas nossas retinas, o processo de produção de imagens sejam daquelas que guardamos em nossos arquivos ou daquelas que tornamos orfãs nos atravessa no inconsciente, no nosso universo onírico e nos rastros as quais não visitamos cotidianamente.

REFERÊNCIAS:

BRUNO, Fabiana. *Fotografias órfãs e insurgências: sobrevivências dos arquivos de imagens*. In: Encontro Internacional de Ciências Humanas e



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Tecnologia – ICHT, 3., 2019, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG*, [S. l.], p. 206-219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 26 out. 2025.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1993.

MANGUEL, Alberto. A imagem como narrativa. In: _____. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 15-33.

MANGUEL, Alberto. A imagem como testemunho. In: _____. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca: como pensam as imagens. In: _____. *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 21-36.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. In: _____. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.